



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Alameda, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Inaugura-se hoje, em Vizeu, o **VII CONGRESSO DA CLASSE DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO**. “A Batalha”, saúda-o, fazendo votos para que dele resulte o robustecimento dessa numerosa e expoliada classe.

Às iníquas extorsões do patronato deve o Congresso responder com resoluções acertadas e práticas, para que essa classe possua uma forte consciência colectiva que permita, num futuro próximo, o triunfo definitivo das suas justíssimas reclamações.

O PROFESSORADO PRIMÁRIO OFICIAL

Em defesa duma classe caluniada por um ilustre senador da República

A Batalha referiu-se há poucos dias a umas referências feitas pelo senador sr. Silva Barreto à classe do professorado primário oficial. A essas referências respondeu a comissão executiva da União do Professorado Primário Oficial Português com o telegrama que abaixo publicamos e que foi enviado à presidência do Senado e a todos os líderes dos partidos e ao ministro da instrução.

Este texto desse telegrama:

A União do Professorado Primário Oficial Português cumprimenta na pessoa de v. ex.ª a ilustre Câmara do Senado e seus dignos membros, protestando contra as afirmações inexactas proferidas pelo senador sr. Silva Barreto, na sessão de sexta-feira, pois nenhum professor primário geral está filiado à Pátria, à República e à Escola Popular, e é só constituída por elementos ordeiros e patrióticos, estando nela filiados 5.500 professores, pertencendo a todos os partidos da República. Os professores primários não vivem mais que as capitais de artilharia, pois um alferes de infantaria vende 200 escudos mensalmente e um professor da província 200 escudos e de Lisboa 227 escudos o máximo, depois de 20 anos de serviço efectivo. O nosso congresso não foi convocado, pois assumiu de interesse para a nação e para a República foram tratados, sendo as nossas reclamações justas, humanas e pedagógicas, como oportunamente provaremos ao país. Protestamos ao Senado que reatemos sempre culto à Competência, à Leis, à Verdade, ao Bem, à Justiça, à Constituição e aos bens intencionados. Sr. Presidente, a vossa justiça e a da Câmara para o professorado primário geral.

As acusações injustas do senador sr. Silva Barreto ficam com este telegrama cabalmente desmentidas, cremos bem, dispensando, por consequência, que, por nossa parte, também as desmentamos. No entanto queremos confirmar as declarações da comissão administrativa da União para que nenhuma dúvida possa ficar perdurando no espírito dos srs. senadores e dos nossos leitores.

Como órgão da C.G.T. julgamos-nos com idoneidade bastante para ratificar a declaração da União do Professorado Primário de que esta associação não está nem nunca esteve confederada.

Como jornal operário, isto é, escrito por operários e para operários e defensor dos interesses dos operários, confirmamos que aquela associação é muito útil à Pátria e à República, acrescentando mesmo que essa classe é primeiro que a guarda republicana e a polícia a mais útil à Pátria e à República, como passamos a demonstrar.

Nos somos testemunhas, senhores senadores, do esforço que essa classe, cujos membros pertencem a todos os partidos da República, emrega por manter nos filhos dos operários que constituem a massa dos seus alunos, as mentes, os dogmas e os preceitos religiosos ou livre-pensadores, políticos, económicos e morais de modo a continuar fornecendo à Pátria e à República a carne para a exploração da oficina, a carne para o canhão e para o alouco necessitado ao gozo da burguezia e indispensável à sustentação da Pátria e da República.

Sibis bem, senhores senadores, que se a escola primária

em vez de formar cidadãos, seres egoístas, submissos à autoridade constituída, créditos na classe do professorado primário, formasse homens livres, altruístas, espíritos sequiosos de saber e cerebros aptos para raciocinar e com vontade própria para agir, esses homens não se podendo adaptar ao meio corrupto em que vivemos, e não podendo conformar-se com as injustiças que geram as patrióticas e republicanas instituições teriam fatalmente de modificar esse meio e lá se iam a Pátria e a República.

Ora, sabendo isso e porque muito amam a Pátria e a República, os membros da classe do professorado primário, que são ordeiros e patriotas, ensinam ainda pelos processos, já há muito condenados pela pedagogia, do empinango e do isto é assim porque assim, encaregando-se deste modo de muito patrioticamente, de amotear a memória e matar a faculdade do raciocínio aos filhos dos proletários para que não possam dar conta da injustiça social que pesa sobre os seus pais e que amanhã pesará sobre eles próprios, como sucessores de seus pais nas oficinas, nas casernas, nos hospitais e nos lupanares.

Devemos ainda afirmar vos, senhores senadores, que o amor do professorado primário oficial pelas instituições republicanas e o seu interesse em bem servir à burguezia são de tal ordem que, embora alguns dos seus elementos conheçam os métodos pedagógicos científicos e modernos, eles só os adoptam nas suas lições particulares aos filhos dos ricos substituindo-os pelo cachaço, o pontapé e o puchado de orelhas nas escolas oficiais públicas, exclusivamente frequentadas pelos filhos do povo.

Com esses processos de atração das crianças e com o desleixo e o descaço a que votam o ensino, os professores primários tem sido os maiores auxiliares do Estado, aumentando das escolas os alunos de modo que o analfabetismo em vez de diminuir aumenta, o que constitui a maior garantia para a existência do Estado, porquanto, como V. Ex.ª muito bem sabem, senhores senadores, se a actual mocidade escolar salsse das escolas instruída na verdade científica e educada na liberdade e para a liberdade, a República teria os seus dias contados.

Não, senhores senadores. Garantimos a V. Ex.ª, e juramos à fé de quem somos, que o professor primário em Portugal não aspira a renovar o Homem, a aperfeiçoar a Humanidade tornando-a mais culta, mais livre e mais humana, nem sequer alimenta qualquer ideal social, de justiça e de beleza moral. Não, senhores senadores. Os professores primários não são desses. São ordeiros e patriotas.

As suas aspirações são bem burguezas, o seu ideal bem modesto. A sua única pretensão é ganhar o mais possível e estar o menor número de horas possível nas escolas para destinar o resto do tempo às lições particulares e às noites aos centros políticos em que todos estão filiados. A sua maior aspiração é terem representação no parlamento. Ter um, dois ou três colegas deputados ou senadores é a supremacia que aspiram. O futuro dos seus alunos não os preocupa. Cotidões! Bem basta a preocupação absorvente do seu próprio futuro.

Já vimos posturura, senhores senadores, os professores primários reclamarem melhor material e edifícios mais hi-

gênicos para as escolas? Já viram fazer alguma greve para obrigar o Estado a satisfazer algumas reclamações suas de ordem pedagógica? Não, senhores senadores. Nunca viram, e não viram porque os professores primários rendem sempre culto à Competência, às Leis e à Constituição, e à Verdade, ao Bem, e à Justiça, bem entendido. Os professores primários apenas veem, de há longos anos, ordeiramente, pacificamente, solicitando ao Estado a esmola de 10 e 16 do mês seguinte o pagamento aos professores primários.

E é a uma classe assim, tão patriótica e tão ordeira, que um ilustre senador da República lança a ofensa de a apodiar de bolxevista e de a acusar de estar filiada na C. G. T.!

Bolxevista uma classe que tem sempre e coerentemente afirmado a sua inabalável fé arraigada na C. G. T. Uma associação que se propõe fazer representar a classe nos órgãos legislativos da República!

Os professores são todos elementos de Ordem, sr. senador Silva Barreto! Mantem-na nas escolas como qualquer cidadão na vida pública! Ou as crianças estão todas quietinhas ou vai pontearada e cachaço até que a Ordem se estabeleça. E são elementos como estes que estão na C. G. T.!

Credo! Os professores a fazer greve! E certo que entram ontem na greve do funcionalismo, mas porque era uma greve... republicana e patriótica. Também é certo que no último congresso da classe, no Porto, foram dirigidas saudações à C. G. T., mas foi uma alucinação, uma irreflexão.

Também não é menos certo que um dos membros da União que hoje pertence à comissão executiva, num congresso da classe, em 1918, propôs que esta se ligasse aos ferroviários e aos correios e telégrafos para fazer vingar as suas reclamações, proposta que a classe aprovou por aclamação, vibrantemente... mas isso foi a reinar, sr. senador!

Socialistas, sindicalistas, anarquistas os professores primários oficiais! Que heresia e que insulto a uma classe composta toda de revolucionários civis, a uma classe que esteve toda interintra nas Rotundas! E certo que muitas dezenas de vezes, patriótica e ordeiramente também, se submeteram, no norte, à Trautlândia, mas a isso foram levados por aquele culto que rendem sempre à Competência, às Leis, à Verdade, ao Bem, à Justiça, à Constituição e aos bem intencionados.

E certo, senhores senadores, que a classe do professorado primário oficial português possuiu no seu seio dois homens que acima do amor à Pátria e à República colocaram o amor da Humanidade e da liberdade integral do indivíduo; que da sua profissão fizeram um sacerdotio; para quem o aluno não era um pretexto para ganhar dinheiro; dois homens que defenderam com ardor e com amor os direitos da criança; dois homens que tinham um

ideal largo e sublime de uma sociedade mais justa, mais humana, mais cheia de beleza e que pretendiam ser obreiros dessa sociedade fazendo com que das suas mãos saíssem rapazes e raparigas capazes de viver nela; dois homens que pensando só no futuro da humanidade esqueceram-se do seu presente e do futuro dos seus filhos; dois homens que preçaram à classe a dignidade e a união e que lhe bradavam: «Colegas, de pé e fonte altiva! Nenhuma profissão iguala a nossa em valor social!»

«Que exemplo de carácter oferecemos aos nossos alunos andando nós mendigando humildemente que nos façam justiça? Como nos havemos de impor ao respeito e à consideração dos outros, se andamos de rastos e nos desconsideramos a nós próprios? Colegas! Nada de política. A política do professor, do educador, é aperfeiçoar as gerações para melhorar a sociedade.»

Esses dois homens que não pertenciam a partidos políticos, que não eram revolucionários civis, que não estiveram em nenhuma das Rotundas nem na Trautlândia, chamavam-se: António Menaes e Virgílio Santos.

Mas, senhores senadores, esses dois homens eram dois alucinados que em vão pretendiam arrancar à classe o seu espírito de subversão; que em vão pretendiam convencer os seus colegas de que a missão do educador não é amoldar a criança à crença e à obediência, mas sim preparar a infância para a vida humanamente social e para a perfeita solidariedade humana. Em vão!

Em vão, senhores senadores, porque a terra em que eles lançaram a semente da sua palavra não era propícia à sua germinação. A classe fez ouvidos de mercador e manteve-se firme e coerentemente republicana e patriota.

Senhores senadores. Julgamos ter cumprido o nosso dever repellido as acusações injustas que o vosso ilustre colega sr. Silva Barreto fez a uma classe. De resto, nós não pretendemos convencer-vos da injustiça dessas acusações. Os serviços prestados pela classe do professorado primário à Pátria e à República, na formação da inteligência e do carácter das gerações, estão ali bem patentes aos olhos de todos.

Vós, senhores senadores, recastes que ao professorado primário houvesse saído a hora do despertar da sua consciência e da sua inteligência!

Oh! Nada receeis, senhores senadores. Tranquilizai-vos e tranquilizai a burguezia de quem sois mandatários. Dizelhe que poderá cegamente confiar ainda na ordeira, patriótica e republicana classe do professorado primário oficial português. Garanti-lhe que o professorado não irá para a C. G. T., que ele não desce a ligar-se com o povo. E estreitar a sua mão com a do proletariado. Com os olhos sempre fitos no Estado, invejando uma representação no Parlamento, ele continuará na sua obra democrática fazendo empinar à criança as fitas constitucionais e a história patriótica, dispondo-a para a caserna, o comício e a fábrica; se é pobre, e para viver à larga se é industrial, capitalista ou proprietário para que se perpetue, por largos anos e bons, a categoria dos usurpadores da riqueza social.

O DEVER DA HORA

Homens livres, solidários — zai-vos com a revolução russa, socorrendo os trabalhadores esfomeados

O povo russo dá ao mundo um nobre e inultrapassável exemplo de heroísmo e de abnegação. Cruificou-se para salvar o proletariado de todo o mundo da fúria dementada da ferocíssima reacção capitalista. A sua experiência revolucionária feita através de muitos sofrimentos, encontra-se entravada pelos formidáveis obstáculos produzidos pelo criminoso bloqueio provocado pelos emprezários vencedores da conflagração europeia e pelas contra-revoluções por eles favorecidas.

Vinte milhões de russos aguardam que os trabalhadores de todo o mundo os salvem da espantosa fome em que se debatem.

Trabalhadores da região portuguesa, lembrai-vos que a nossa indiferença pelo martírio dos nossos camaradas russos, seria com vezes mais criminosa que a hostilidade da burguezia.

Homens livres, acudi aos esfomeados russos, para que não agonizem com eles uma revolução que há de apressar a hora vermelha e justiciera da revolução social.

Transporte.....	1.820\$83
A. P.....	5\$00
António Ramalho.....	2\$50
Adelino R. Maças.....	1\$00
Ventura Matos e Maginae.....	3\$00
S. R.....	2\$50
Quote aberta entre metalúrgicos:	
U. B.....	2\$50
O. P. S.....	2\$50
J. O.....	7\$00
J. M.....	\$50
J. C.....	\$50
C. C.....	\$50
Marinho Gomes.....	1\$00
Quote na secção gráfica da Biblioteca Nacional (1)...	17\$90

A transportar..... 1.867\$83

LISTA 1. — Henrique Pereira, 600; J. A. da Fonseca, 2400; José de Sousa, 1400; Santos, 450; Montes, 1450; Celeste de Assunção, 450; J. P. de Oliveira, 2400; Estácio, 450; Abreu, 475; Pais, 1400; Araújo, 450; Luis Filipe, 450; Mar Batalha, 1450 — Total 17490.

AS BOAS INICIATIVAS

Inaugura-se amanhã a Biblioteca operária.

O operariado necessita para realizar a sua emancipação, de se libertar totalmente das superstições burguezas. Aos preconceitos da educação burguesa, deve opor-se sem demora as verdades científicas que por intermédio dos livros de vulgarização, podem ser aprendidas pelos operários.

A União dos Sindicatos Operários, reconhecendo a necessidade de auxiliar a criação duma mentalidade revolucionária entre o operariado, tomou a iniciativa da fundação duma biblioteca.

Todos aqueles a quem as contingências duma vida inteira, consagrada desde tenra idade ao trabalho não poderam instruir-se, encontrarão na Biblioteca Operária, um meio poderoso e eficaz, para satisfazer todas as suas ardentes curiosidades intelectuais.

A sua inauguração realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na sede, Calçada do Combro, 38-A. O nosso camarada Pinto Quartim realizará uma ligeira palestra sobre as vantagens das bibliotecas operárias. A U. S. O. convida o operariado a assistir ao acto.

José Luís Caetano

Faleceu ontem este antigo militante da construção civil

Faleceu repentinamente ontem de manhã no Bairro Social da Ajuda, onde trabalhava, o nosso camarada José Luís Caetano, antigo militante da Construção Civil, gozando de grande estima por parte da classe operária em geral e em especial por parte dos componentes da sua indústria.

O finado era actualmente tesoureiro do Sindicato Unico da Construção Civil, que convida todos os seus componentes a incorporarem-se no funeral, que previamente será anunciado.

J. B.

O MOMENTO INTERNACIONAL

NA IUGOSLÁVIA
Como são tratados os presos

Um jornalista do partido democrático de Zagabria, que experimentou durante oito dias as condições horriboras dos cárceres da Iugoslávia, enviou a vários grupos socialistas do estrangeiro as suas impressões, por a imprensa do seu país se ter negado a publicá-las.

Do jornal de Viena Arbeiter Zeitung, transcrevem o que se segue:

«Quando fui conduzido à estância n.º 3 da direcção de policia de Belgrado em contrai ali encerradas 115 pessoas num compartimento de 5 metros de largura e 2 de altura.

Os presos eram espancados brutalmente.

Um dia foi conduzido ao cárcere um grupo de comunistas de Sombor. Os desgraçados foram martirizados com uma ferocidade tão bestial, que todo o corredor onde foram maltratados ficou coberto de grandes poças de sangue.

Um funcionário do partido comunista de Novi Sad, Kolacek, foi martirizado tão barbaemente, que esteve três dias sem poder mover-se. Muíto dos meus companheiros foram fechados, dois e mais dias num espaço, em que só podiam estar de pé. Só durante um quarto de hora por dia eram conduzidos ao corredor.

Os gemidos e as imprecações dos martirizados eram tão impressionantes que não nos deixavam pregar olho.»

E enquanto são assim tratados os filhos do país, o governo iugoslavo vota um crédito extraordinário para estipendiar os oficiais e soldados do antigo exército do general Wrangel.

NA POLÓNIA
O congresso do partido operário nacional

Começou a 4 de Setembro, em Cracóvia, o congresso do partido operário nacional, que exerce ainda uma grande influência no movimento operário da Polónia, estando presentes cerca de quarenta delegados.

No primeiro dia foram aprovadas as resoluções. Uma reclama a dissolução do Seim e novas eleições, porque o partido conta com uma grande vitória eleitoral em detrimento do partido socialista e dos cristãos-democratas, a propaganda é sempre mais radical

nas suas reivindicações que o partido socialista, e p. risso tem conseguido captar mais as simpatias da classe operária, todavia o seu radicalismo dissimula a demagogia nacionalista.

Na outra resolução o partido operário nacional insiste sobre uma solução equitativa da questão da Alta-Silésia, pedindo o apoio do partido trabalhista da Inglaterra para as reivindicações do proletariado polaco.

NA AMERICA DO NORTE

Os sem trabalho postos em hasta pública

O jornal Daily Telegraph, de Nova York, informa-nos do seguinte:

«A fim de atrair a atenção da opinião pública sobre a situação dos operários sem trabalho na América, 150 desempregados ofereceram-se em hasta pública no mercado de Boston. Reuniram-se sob a direcção dum certo Ledoux, conhecido «operário filantropico», que se faz chamar senhor Zero. Este Ledoux, em frente dos seus homens, expôs, em discursos violentos e apaixonados, a situação dos sem trabalho na América e convidou o público a fazer uma compra. Apesar da eloquência do orador, só dois dos seus protegidos foram comprados.

O senhor Zero declarou que continuará a venda até ao final, dizendo que a publicidade que será feita em volta de tão estranho negócio, servirá para atrair a atenção sobre os desempregados e obrigará o governo a tomar oportunas medidas para lhes aliviar os próprios sofrimentos.

NA ALEMANHA

Os operários contra o militarismo

Foi proibida pelo ministro do interior da Alemanha a conferência que estava para realizar o almirante von Scheer sobre a batalha naval de Skagerak, porque as organizações operárias declararam que a impediriam com todos os meios ao seu alcance.

NA AUSTRIA

Congresso internacional dos tipógrafos

Realizou-se em Viena o congresso internacional dos tipógrafos, estando presentes 23 delegados.

Presidiu o suíço Schlumpf, secreta-

riado por Pochop (austriaco) e Liochou (francês).

O governador de Viena saudou o congresso em nome da maioria social-democrata do conselho comunal, desejando que fizesse progressos a obra do restabelecimento da unidade do proletariado, a única maneira de evitar novas guerras.

Volunt-se uma ordem do dia, protestando contra as perseguições exercidas pelo governo da Hungria sobre as organizações dos tipógrafos daquele país, telegraphando-se ao presidente do ministério para que restituísse a autonomia aos referidos organismos.

NA BAVIERA

As propostas de Berlim são rejeitadas

O conselho de ministros da Baviera repeliu, por cinco votos contra dois, as propostas do governo alemão sobre o levantamento do estado de sítio no país, e aconselhou ao comité central dos partidos governamentais que aderissem a esta decisão.

NA FRANÇA

A greve geral no norte

Apesar dos desmentidos da imprensa burguesa o movimento operário no norte da França mantém-se com firmeza, estando em greve cerca de cem mil operários.

As grandes cidades do Norte, Roubaix, Tourcoing, Lannoy e Halluin, ontem cidades ruidosas, encontram-se agora silenciosas e calmas, com aquela calma precursora das grandes tempestades.

Os armazéns estão quasi todos fechados e ouve-se unicamente no socoço das ruas os ruídos das vozes dos grevistas, que ao dirigirem-se para as religiões, discutem animadamente o entao o ruído do passo das patrulhas.

NA ITALIA

Coontinuum as perseguições «dos fascisti»

Ernesto Basotti, mutilado de guerra e empregado dos correios, foi agredido e mal tratado por um grupo de «fascisti», quando se encontrava no exercício das suas funções. Parece que a causa da violenta agressão foi o Basotti trazer na corrente uma pequena medalha com o emblema dos «soviets».

A guarda que se encontrava à porta

O CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA EM IENA

No congresso do partido comunista alemão, realizado recentemente em Iena, venceu a extrema esquerda, a que iniciou o movimento revolucionário de Março, condenado pelos bolxevistas e por muitos dos ex-leaders do partido comunista.

Sobre o congresso mundial comunista foi aprovada a seguinte moção:

«O congresso, colocando-se no terreno das deliberações do congresso mundial, declara orientar o partido para a execução daquelas deliberações. As teses do congresso mundial constatarem que presentemente a linha de evolução capitalista segue uma descida — ainda que se note uma elevação momentânea — e que ao contrário a linha da revolução ascende, apesar de todas as oscilações. A evolução na Alemanha demonstra que em consequência da guerra, a decomposição do capitalismo é inevitável. Uma reconstrução do capitalismo na Alemanha não seria possível, senão reduzindo o proletariado à miséria completa. O partido comunista alemão tem por missão concentrar as massas na luta defensiva e dar a esta luta um espírito que tenda — além da luta contra a destruição imediata da situação económica e política — para a libertação do proletariado.

«O congresso reconhece que a crítica ao movimento de Março, contida na tese, é justificada, e aproveitar-se-há dos ensinamentos daquela acção nas lutas do futuro. Constata que o congresso mundial reconheceu a acção de Março como uma luta defensiva necessária e justificada, como um passo para a frente, repellido, porém, a filosofia da «ofensiva revolucionária». Na sua áspera critica do movimento de

Março, o camarada Trotski não percebeu que os erros daquela batalha não foram devidas unicamente à filosofia da «ofensiva revolucionária» condenada pelo congresso mundial comunista, mas também à orientação passiva, que tinha tomado o partido. O partido teria corrigido os seus erros, se a falta de disciplina do grupo «Soviet» e a luta deste grupo contra o partido não o tivessem impedido disso».

Os ensinamentos duma acção desgraçada

Os ensinamentos da acção de Março foram:

- 1) Análise meticolosa da situação, e cuidadosa preparação de todas as batalhas. A mais estreita ligação entre o partido e as massas operárias.
- 2) Iniciar a luta com fins que todos os trabalhadores possam compreender.
- 3) Consolidar com todo o cuidado as organizações do partido, e infundir-lhes um espírito de unidade combativa. Disciplina férrea na batalha.
- 4) Afastar todos os restos de tendências oportunistas, inclinadas à passividade, assim como a política de impaciência revolucionária e das frases extremistas.

Entre os quatorze membros que foram eleitos para o novo comité central do partido, contam-se Clara Zetkin e Berta Brauenthal, as duas delegadas ao congresso mundial comunista, que em Moscóvia bastante discutiram a proposta do movimento de Março, defendendo-o esta ultima, e atacando-o asperamente Clara Zetkin, patrocinada para este fim por todos os chefes do partido bolxevista.

A morte de Macno

Sêcamente transmite-nos a Rosta de 11 de Setembro o seguinte telegrama:

PETROGRADO, 7 de Setembro — Macno foi morto pelos seus proprios partidários.

Março, o camarada Trotski não percebeu que os erros daquela batalha não foram devidas unicamente à filosofia da «ofensiva revolucionária» condenada pelo congresso mundial comunista, mas também à orientação passiva, que tinha tomado o partido. O partido teria corrigido os seus erros, se a falta de disciplina do grupo «Soviet» e a luta deste grupo contra o partido não o tivessem impedido disso».

Os ensinamentos duma acção desgraçada

Os ensinamentos da acção de Março foram:

- 1) Análise meticolosa da situação, e cuidadosa preparação de todas as batalhas. A mais estreita ligação entre o partido e as massas operárias.
- 2) Iniciar a luta com fins que todos os trabalhadores possam compreender.
- 3) Consolidar com todo o cuidado as organizações do partido, e infundir-lhes um espírito de unidade combativa. Disciplina férrea na batalha.
- 4) Afastar todos os restos de tendências oportunistas, inclinadas à passividade, assim como a política de impaciência revolucionária e das frases extremistas.

Entre os quatorze membros que foram eleitos para o novo comité central do partido, contam-se Clara Zetkin e Berta Brauenthal, as duas delegadas ao congresso mundial comunista, que em Moscóvia bastante discutiram a proposta do movimento de Março, defendendo-o esta ultima, e atacando-o asperamente Clara Zetkin, patrocinada para este fim por todos os chefes do partido bolxevista.

A morte de Macno

Sêcamente transmite-nos a Rosta de 11 de Setembro o seguinte telegrama:

PETROGRADO, 7 de Setembro — Macno foi morto pelos seus proprios partidários.

Como já não é a primeira vez que o camarada, esperamos por notícias de fontes menos suspeitas para nos certificarmos de tal acontecimento

A conferência de Genebra

Construção Civil de Almada

Na sessão magna do Sindicato Unico da Construção Civil de Almada foi resolvido por unanimidade, repeli a circular do ministerio do trabalho que convida a classe operária a representar-se na conferência de Genebra.

Empregados no commercio

A Direcção da Associação de Classe dos Empregados de Escritório repeliu o convite do governo sobre a indicação dos nomes de três socios sobre para entre eles ser escolhido o representante do operariado à Conferência Internacional do Trabalho a realizar em Genebra no proximo mês de Outubro.

Está Associação continua coerente com as resoluções do Congresso de Colmbra, tendo sido até uma das primeiras a protestar contra a nomeação de Alfredo Franco como delegado à Conferência de Washington.

U. S. O.

Conselho de delegados

Para assuntos de urgência o de magna importância, reúne depois de amanhã, terça-feira, pelas 21 horas, o Conselho de delegados a este organismo.

REVULSIVOS

A um menino orfanado Pela morte de seu pai Deu a Cruz de guerra, o Estado, Com que essa criança vai Na fila, condecorado.

Cruz de guerra, cruz fatal De martirio e sofrimento Deste pobre Portugal, Deste povo faminto Que vive pobre que mal!

Essa mercê, se consola O mili ar que morreu, Talvez que da cruz da esmola Não livre o filho que é seu, Perspectiva que desola.

Cruz de guerra tenho-a eu E tem-la tu o leitor, Se não és um fauleiro, Um vil assambracador, Dá que a guerra enriqueça.

Como a mágoa me consome Pensando, que um povo inteiro Que é comido, tam mal com E anda nu sob o madeiro, A maldita cruz da fome.

Octave Mirbeau

depois de morto, mordido pelos dentes postícos de Alfredo Pimenta

Emprego, às vezes, os meus minutos de ócio, a folhear livros e revistas, panfletos e jornais. Prazer inofensivo, como vêem, com o qual não perigo as instituições, nem a vida dos nossos amáveis algozes. Nem sempre devemos gastar o nosso tempo a fabricar bombas para atirar às portas dos burgueses. De resto a polícia anda sempre de olho aberto e, em vez de atrairmos as suas iras, é preferível a gente entreter-se em leituras agradáveis.

Em geral, não leio jornais todos os dias — é defeito de um selvagem que ainda não se adaptou à vida mecanizada da civilização. Mas, apesar de tudo, não deixo de ler as gazetas. Em lugar de perder todos os dias um quarto de hora da sua leitura, uma vez por semana ou de quinze em quinze dias leio uma mão cheia de exemplares, encho-me de banalidade até, não poder mais. Depois deito-me, adormeco e esqueço.

Eu sou leitor assíduo do *Correio da Manhã*, órgão monárquico constitucionalista que respeito, como se ele fosse um velho catuira, que assim nasceu e assim há de morrer.

Ora, o *Correio da Manhã*, muito sério, muito pudibundo, aceita entretanto a coia, oração, galada duma Clarinha que tem a mania inofensiva da literatura *chic*, e as crônicas snobs do sr. Alfredo Pimenta das lutas cívicas e das opiniões periódicas e de várias cores. E como os escritos do sr. Pimenta, de cinco em cinco, apresentam-nos com uma surpresa — a mudança da sua opinião — eu procuro todos os dias uma surpresa nas crônicas do Pimenta. Este já foi anarquista como eu sou. Depois desceu, desceu, desceu e agora vestiu a sua prosa e os seus versos de azul e branco...

Presentemente, o Pimenta rabisca para o *Correio da Manhã* umas crônicas em forma de diário íntimo, onde, sob o título de *Pretextos e Reflexões*, regista todos aqueles acontecimentos da sua fantástica vida particular, com os quais nada temos que ver. Mas o sr. Pimenta quer que nós interessemos pelos «poetas cinzentos», pelas suas dores de cabeça e pelas palpitações — aí — do seu coração, e nós não temos outro remédio senão classificar aquilo de literatura.

No *Correio da Manhã* de 3 do corrente, o Pimenta, muito doce, muito farto de pimenta, depois de nos participar que no dia 21 de Agosto ler «páginas pesadas, substanciais, com algarismos, estatísticas, cálculos, etc.», que em 21 a poetisa Fernanda de Castro passara a noite em sua casa a cantar-lhe «canções creoulas»; que no dia 30 lera a memória de Henri Poincaré sobre os fundamentos da geometria; que nesse mesmo dia lhe acudiram à ideia considerações sobre aquela questão da obra póstuma do Goussier; que no dia imedito apreciara o último livro de Jacques-Emile Blanche que fala de Oscar Wilde, aquele Wilde que o cronista entre tanta confissão, ainda não confessou que gostaria de imitar, o sr. Pimenta chega finalmente ao dia 1 deste mês e apetece-lhe dizer coisas sobre Octave Mirbeau. E di-las desta arte:

1. Setembro — Tem «o vício da lúbia» de que fala Octave Mirbeau quem descobriu Maurice Maeterlinck. Deade Nordau até agora, Mirbeau tem passado sempre por pai literário de Maeterlinck. E os azedos dizem que se não fosse o artigo do *Figaro*, Maeterlinck ficaria para todo o sempre esquecido na sua Bélgica. Pode ser. Se lá o que não pode ser!

Mas o que está averiguado é que Octave Mirbeau o mais que pode ser é introdutor de Maeterlinck no mundo. Foi Paul Hervieu que o descobriu. Paul Hervieu estava em casa de Mirbeau. Este recebeu um monte de livros. Hervieu escolheu o *Teatro das Marionetas* de Maeterlinck, e passou a noite a lê-lo. No dia seguinte apresentou-o a Mirbeau. Depois, o leitor sabe: foi Mirbeau o autor de Maeterlinck.

A prosa de Alfredo Pimenta é, como vêem, confusa, vaga como os seus súpiros ao luar, misteriosa como aqueles perfumes subitís que o embriagam até o fazer cair desmaiado. E se para evitar os seus desmaios, este literato caseiro, este prosador, que faz dos seus escritos uma espécie de rol da roupa sua... do seu espírito, traz sempre consigo um frasco de seis ingleses, para tornar a sua prosa compreensível e que não há mais nem coisa que se pareça; é necessário traduzi-la. Tornemos portanto acessível ao leitor humilde e atarrazado do requintado do poeta.

O Pimenta, agora que é monárquico, sempre que se lhe oferece ensejo para desprestigiar aqueles homens que deixaram uma obra de crítica acendatada anarquista, como foi a obra de Mirbeau, zai dá a sua dentada. «Esta vez não se lhe ofereceu o tal ensejo, mas a dentada veio. Felizmente, os dentes do sr. Pimenta são postícos, isto é, a sua prosa é falsa».

O sr. Pimenta, para deixar a impressão no seu público de que Mirbeau pouco ou nada contribuiu para a glória de Maeterlinck, atribui, subtilmente, surretamente toda a importância, não ao indivíduo que teve o rasgo de generosidade (de generosidade, não, de justiça) de dizer ao mundo que Maeterlinck era um escritor admirável. O sr. Pimenta afecta não ligar importância ao caso e vem então dar-nos uma sensacional novidade: antes de Mirbeau houve alguém que lera Maeterlinck e esse alguém foi Paul Hervieu.

O sr. Pimenta não devia abusar assim da boa fé do público. O sr. Pimenta com as suas manias da superioridade julga o público composto de parvos que acreditam nos seus desmaios, nas suas águas roxas e hísticas e nas suas falsas críticas ácidas de quem é maior do que ele.

O sr. Pimenta acreditaria também que tivesse sido Hervieu a primeira pessoa que teve a ventura de ler Maeterlinck? O sr. Pimenta teria dado uma grande novidade se provasse que Hervieu tinha escrito no *Figaro* o artigo que lançou o dramaturgo belga, assim a mesquinha Octave Mirbeau; mas não, dizendo o que disse, Pimenta deixa mal colocado o seu amigo Hervieu que, conhecedor das qualidades de Maeterlinck não teve a audácia de chegar às colunas do *Figaro* e gritar para certos apimentados críticos franceses: «Eh! animais, deixai passar um homem de talento! Não; o Hervieu leu e limitou-se a dizer para Octave Mirbeau: «Aqui está um tipo de valor que a gente deve ler».

E provavelmente acrescentou: «Não convém chamar sobre ele atenções do público porque pode este preferir as suas obras às minhas».

O sr. Pimenta afinal não conseguiu, como pretendia, com o seu sorriso superior, mas bem medido para não estilhaçar o monólito, denegrir a glória de Octave Mirbeau.

Continuarei a seguir com atenção as crônicas íntimas do sr. Alfredo Pimenta — pode ele amanhã fazer-me a surpresa de mudar de opinião — e dizer que foi ele quem lançou o o Maeterlinck no mundo das letras.

Mário DOMINGUES

DE BOM HUMOR

Explicação

O assunto é tão variado e tão copioso, infelizmente, e o espaço tão reduzido, que não posso deixar de encolher as unhas e dar nova forma mais concreta a esta secção, fazendo passar os acontecimentos e a respectiva crítica à vista do leitor como passavam as pequenas películas fotográficas no plano focal das projecções do cinema.

Em Lisboa, há perto de meio século e muitos anos depois os acontecimentos de maior importância que se davam eram as partidas da diligência do Rossio para o Lumiar, anunciadas das 5.ª para as 6.ª feiras no *Diário de Notícias*, fundado pelo meu colega Eduardo Coelho, e algum roubo de galinhas, lá de quando em vez, nos quintais de Campo Ourique ou Campolide.

Os «omníbuses» tempos cuja obra eu ajudei a demolir!

Hoje há vida, movimento, animação, progresso, abundância de fome e de riqueza, mata-se um homem por «dá cá aquela palha» e o mundo vai seguindo no seu giro perfeito e harmónico, toda a gente admirada quando a uma não sucede outra revolução, de quinze em quinze dias.

Acorda-te, pena!
Muda de assunto.
Vamos lá ao cinema.
O colega tipógrafo, faça favor. Ponha aqui uma risca, ao lado, como vai em seguida.

J. B.

O Sr. Liberato Pinto

Julgado e condenado, não sei nem quero saber porque motivo, este senhor partiu para Elvas, num automóvel do Estado e deve ali permanecer, cumprindo a sentença durante um ano e um dia.

Uma ratice, como outra qualquer, este contrapezo de um dia.

A justiça e os códigos!

S. ex.ª partiu, chegou, juntou e ficou preso, em liberdade, que é como quem diz com homenagem na praça e ainda bem porque eu abomino corealmente as prisões.

Oito galo, porém, lhe cantara, se S. ex.ª fosse sindicalista, em vez de ter sido presidente do ministério e comandante da G. N. R.

S. ex.ª chegou e juntou.

Por este indício, último, deve estar inocente do crime ou delito que determinou o seu julgamento e a sua condenação. Porquanto não há melhor

aperitivo do que a boa paz da consciência.

Julgo por mim.

E mesmo que assim não fosse lagrimas com pão passageiras são.

Que eu não sei se o ex.º *recluso* d'Elvas chora por se ver ali pelo motivo que a essa praça forte o conduziu.

Anime-se, porém.

Como-lhe bem e beba-lhe melhor, uma vez que tem recursos para isso.

Quanto ao mais deixe lá.

Mais dia, menos dias, se lhe fará justiça.

E' só haver outra revolução triunfante que, pelos modos, anda na forja.

Não desanime e resigna-se o ilustre prisioneiro aos caprichos da odienta política odiosa.

A lei dos alcátrizes não foi ainda revogada.

Hoje por uns, amanhã por outros.

Abriu-se com s. ex.ª o precedente da prisão aos domiciliados, no seio da família, e oxalá que pegue d'estaca, para gregos e troianos.

Tenha paciência o sr. Liberato Pinto. Reaja, como bem, beba melhor e passe, aguardando tranquilamente os acontecimentos.

O amanhã ninguém o viu.

Tout passe, tout casse et tout lasse.

Camarada tipógrafo, faça favor: Ponto final e quadrados como diz o nosso colega João Black.

J. B.

Sindicato Unico da C. Civil

Para um assunto urgentíssimo, reúnem hoje, pelas 15 horas, todos os membros do Conselho Administrativo do Sindicato Unico da Construção Civil.

Grupo Dramático e Musical Solidari

E' já na presente semana que se efectua na Academia Recreativa de Lisboa, Rua do Socorro, n.º 11-C, 1.ª, a recita promovida pela comissão de melhoramentos, dedicada à grande família operária.

Os camaradas amador s teem dado o seu melhor esforço para o bom desempenho do drama social em três actos «A Grêve».

Tem sido grande a procura de bilhetes, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

A defesa social contra o crime

E' preciso reconhecer que nós anarquistas, ao delinearmos a sociedade futura, tal como a desejamos — uma sociedade sem patrões e sem polícias — temos em geral feito as coisas demasiado fáceis.

Enquanto censuramos os adversários, por não sabermos abstrair das condições presentes, e acharem impossíveis a anarquia e o comunismo, porque imaginam que o homem se conservará, tal como é hoje, com todos os seus egoísmos, com os seus vícios e com os seus medos ainda depois de eliminadas as causas destas males, nós respondemos às dificuldades e às dúvidas, supondo já completamente conseguidos os efeitos moralizadores, que resultariam da abolição do privilégio económico e do triunfo da liberdade.

Assim, quando nos dizem que haverá homens que não queriam trabalhar, não apresentamos imediatamente opções razões para demonstrarmos que o trabalho, isto é, o exercício das próprias faculdades e o prazer da produção social, desenvolverem-se livremente, sem outras sanções exteriores que a estima ou o respeito dos concidadãos.

O respeito, o desejo do bem dos outros deve entrar nos costumes, e aparecer não como um dever, mas como uma satisfação normal dos instintos sociais.

Há quem sonhe em moralizar pela força; quem queira estabelecer um artigo do código penal para todos os actos possíveis da vida; quem poria de boca vontade um polícia ao pé de cada balaio e de cada mesa. Mas estes se não teem os meios coercitivos para imporem as suas ideias, arriscam-se só ao ridículo, porém, se teem o poder para comandar tornam o bem odioso, e provocam a reacção.

Os socialistas teem esta tendência de quererem regulamentar todas as coisas, mas não julgamos que eles não conseguiriam fazer mais do que ressuscitar por muitos aspectos o regime burguês.

Para nós a acção dos deveres sociais deve ser voluntária, e só se tem o direito de intervir com a força material contra aqueles que violentamente ofendem os outros, e impeçam a pacífica convivência social. A força, a coacção física não se deve adoptar senão contra o ataque violento material e por pura necessidade de defesa.

Mas quem julgara? Quem providenciaria para a defesa necessária? Quem estabelecerá os meios de repressão?

Não vemos outro caminho senão deixar proceder os interessados, deixar o povo agir, isto é, a massa dos cidadãos, a qual agir diversamente, conforme as circunstâncias e o seu verdadeiro grau de civilização.

O que é preciso sobretudo é evitar a constituição de corpos especializados para a obra de policiamento; perder-se lá talvez alguma coisa em eficácia repressiva, mas evitar-se há a criação do instrumento de todas as tiranias.

Não nos acreditamos na infalibilidade, e muito menos na bondade das massas; pelo contrário. Mas acreditamos muito menos na infalibilidade e na bondade da gente, que se agarra ao poder, que legisla, consolida e perpetua os interesses que prevalecem num dado momento.

Em todos os casos, antes de injustiça, e a violência transitória do povo, que a capa de chumbo da violência legalizada e pelo Estado policioso.

De resto nós não representamos senão uma das forças que actúan na sociedade, e a história caminhará, como sempre, segundo a resultante de todas as forças.

Na prática sucederá o que pode suceder. A nós compete-nos a missão de vigiar, para que a obra necessária de defesa não sirva de pretexto e de ocasião a que se diminua a liberdade em proveito de certas classes ou de certos partidos; daí o opôr-se à constituição de corpos especializados na repressão, isto é, de polícias e de magistrados profissionais; procurar as causas dos delitos, que perduram, e esforçar-se por as eliminar; vigiar, que, quando hajam cárceres ou colônias penais, estas sejam verdadeiros institutos de re-educação e de tratamento benévolo, abertos ao «controle» do público, e não lugares de tortura e de corrupção.

E com a nossa acção devemos dirigir-nos para o fim supremo da civilização: a eliminação da violência e de toda a coacção nas relações humanas.

Henrique MALATESTA.

(Da *Unanité Nova*, de 2 de Setembro de 1921).

Bacalhau pôdre

O caso da família envenenada

Da enfermaria de Santa Isabel do hospital de S. José sai hoje com alta, Maria José Folgado, de 19 anos, residente na Ilha Amarela, 19, à Cruz da Oliveira, uma das pessoas da família que se sentiu b-stante afilida depois de no dia 14 último ter ingerido uma refeição de bacalhau com arroz, tendo falecido no hospital pouco depois da ter dado entrada, como notificamos, o pai da doente, Joaquim José Folgado, e encontrando-se ainda ali em tratamento pelo mesmo motivo a mulher d'este, Ana de Jesus Costa, e seu filho António Folgado.

Modificam-se as leis penais, reformam-se a polícia e a magistratura, alteram-se os sistemas de encarceramento, e a delinquência continua, e resiste a todas as tentativas para destruí-la ou atenuá-la. E se isto é verdade para o passado e para o presente, também o será para o futuro, se não se mudar radicalmente o conceito que se tem do crime, e se não se abolirem todas as corporações que vivem da procura e da repressão da delinquência.

Mas, antes de mais nada, quais são os factos, que se podem qualificar de criminosos, e que dão direito, segundo nós, a repressão com a força material? e quem deveria decidir se um dado facto é ou não criminoso, e se o acusado é ou responsável por aquele facto?

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Com o progresso da civilização, com o crescer das relações sociais, com a consciência crescente da solidariedade natural, que une os homens, com o elevar-se da inteligência e com o aperfeiçoar-se da sensibilidade, crescem certas, e os que ainda restam encontram-se à venda em «A Batalha» o nos sindicatos operários.

Construção Civil

Sindicância a um militante

Realizou-se a assembleia geral que tratou do caso Manuel dos Santos. Há quatro anos que vem sendo debatido, sem que até agora sobre ele se pronunciaram os organismos operários.

Foram lidos vários officios do S. U. C. de Lisboa, F. N. C. C. e C. U. C. T., sendo resolvido publicar este último em *A Batalha*.

O officio é do seguinte teor

Caros camaradas:—Sou a comunicar-vos que o Comité Confederal, na sua reunião de ontem, 17 de Setembro, deliberou a ideia do delegado confederal a Coimbra por causa da questão Manuel dos Santos.

A sessão do Comité assistiu o delegado que foi a Coimbra, apresentando o seu relatório e por ele procurou justificar a sua atitude em Coimbra.

O referido delegado explicou que foi levado a apresentar aquela moção que já é publico, em virtude de, segundo ele, não encontrar a situação de Coimbra a favor da sua moção. Observou que uma reunião de militantes daquela localidade em número de 27, todos por uma voz condenaram o procedimento de Manuel dos Santos; que, na assembleia do Sindicato, realizada no dia seguinte, por uma forma unânime, toda a referida assembleia se manifestou contra o referido camarada, que não viu possibilidade de ali solucionar a questão senão pela forma que o fez, para conseguir que o sindicato da localidade não mantivesse o seu isolamento da Federação de Indústrias.

O Comité Confederal concordou em que tal outra forma não houvesse para ali solucionar a questão. Contudo o Comité Confederal exprou o procedimento do delegado confederal, por ter apresentado aquela moção, visto que não foi aquela a missão de quem foi incumbido e nem mesmo o poder fazer pela forma por que fez. Azeite a moção a ter de ser apresentada, deveria o delegado confederal cuja missão consistia em harmonizar e nada mais. O delegado que foi a Coimbra concordou. Mas o

Seria conveniente procurar harmonizar agora o assunto com o Sindicato de Lisboa. Por parte do nosso delegado, não houve a menor susceptibilidade para as colectivas ou individuais. Por sua parte poderia haver, quanto muito, insinceridade e não desajustado o Comité que tudo se harmonizasse para bom nome da organização. Secretário geral, Manuel J. Sousa.

Após a leitura deste officio, foi apresentada a seguinte moção:

Considerando que nos documentos apresentados nada se afirma contra o camarada Manuel dos Santos, a assembleia resolve:

1.º Manter toda a sua confiança no referido camarada em harmonia com a resolução já tomada pelo S. U. C. C. e F. N. C. C.

2.º Que todos os militantes retomem os seus lugares;

3.º Que estas resoluções sejam publicadas em *A Batalha* e no *Construtor*.

Factos diversos

Na estação do Rossio, Henrique Pereira, de 12 anos, morador na Rua da Beneficência, queixou-se de dores no estômago, e foi levado a um hospital próximo, com o n.º 4.882, 7.305 e 7.309, pedindo a pessoa que o achou o favor de os entregar.

Universidades, academias e escolas

Sociedade Promotora de Educação Popular.—Matriculas: crianças de ambos os sexos.—Estão abertas as matriculas para as aulas de instrução primária para os alunos de ambos os sexos nos dias 19, 20 e 21 do corrente, pelas 21 horas. Estes três dias são para os alunos antigos e de novo entrada, para os novos alunos até preencher o número de vagas.—Aulas nocturnas para mulheres.—Para as antigas alunas no dia 26 e para as novas no dia 27, pelas 21 horas. Adultos.—Para os alunos antigos no dia 22 e de novo entrada no dia 23, pelas 21 horas. Escola Industrial de Fonseca Benevides.—Nesta escola, na rua de Santos, 112, continua aberto o prazo para a matricula nos cursos de aprendizagem de serralleiro, torneiro e condutor de máquinas (para rapazes) e de bordadeira, rendeira, modista de vestidos, chapéus e de roupa branca, florista e de arte aplicada (para indivíduos do sexo feminino). Além destes cursos, que são diurnos e cuja matricula anual é de 800, há os cursos de aperfeiçoamento, nocturnos, para operários.

E' escusado encarecer as vantagens que para a industria e para o operariado deriva da frequência destes cursos.

A questão corticeira

Os corticeiros de Aldegaleta protestam contra a exportação da cortiça em prancha

Realizou-se em Aldegaleta uma reunião magna da classe para apreciar o decreto que permite a exportação da cortiça em prancha.

Presidiu o camarada Francisco Costa, secretariado pelos camaradas Alberto Lazaro e José Soares.

Falou em primeiro lugar o delegado da Federação Corticeira que combatu energicamente o decreto que vem agravar a crise que a classe vem atravessando.

Em Silves as fábricas de cortiça fecharam e os operários debatem-se com a miséria.

Terminou narrando à assembleia os trabalhos que a Federação tem realizado para se obter a anulação do decreto. Seguiram-se-lhe na mesma ordem de ideias os camaradas João dos Santos e António Costa. Falou também o camarada Gladstone Mendonça que disse ter o governo espanhol aumentado de cinco para dez pesetas o imposto de exportação por cada 100 quilos de cortiça em prancha;

Eoi aprovada por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Lavar o mais veemente protesto contra o decreto que autoriza a exportação de cortiça em prancha.

2.º Dar plenos poderes à Federação, para que esta resolva o caminho a seguir;

3.º Publicar em *A Batalha* as resoluções tomadas.

Resolveram-se ainda enviar ao ministro do Comércio um telegrama de protesto contra o decreto. A reunião que decorreu no meio de grande entusiasmo, terminou às 23 horas.

NOVELA VERMELHA

é uma colecção de obras literárias, pequenas, de linguagem simples e de intuitos elevados, que os trabalhadores manuais e intelectuais devem ler e divulgar.

Diário Sindicalista

18-9-191

For largamente apreciada a circular de C. G. T. referente à baixa de salários. Resolveu-se ainda exercer uma grande vigilância para evitar que o horário de trabalho seja transgredido.

Por fim discutiu-se a questão das reclamações do pessoal que trabalha no Alentejo, sendo resolvido estudar-se devidamente o assunto.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Depois de amanhã, terça-feira, reúnem-se direções dos sindicatos de Lisboa, para discutir a situação do sector da imprensa, tendo a qualificação de representante de todos os sindicatos interessados.

Federação da Indústria de Calçado, Ouros e Peles.—Reúne hoje, pelas 15 horas, a comissão administrativa, devendo também comparecer a comissão administrativa da caixa de solidariedade, para ser tratado assunto da importância da solidariedade.

Operários Alfaiates.—Reúne amanhã a assembleia geral desta classe com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciar as baixas da Caixa de Solidariedade; 2.º Circular n.º 17 da C. G. T.; 3.º Resolver sobre o pedido das Juventudes Comunistas. Esta última discussão é de responsabilidade e está a cargo da comissão do maior número de votos.

Ferreiros.—Reúne hoje em assembleia geral para se elegerem novos corpos gerentes.

Marinheiros e Moços do Marinha Mercante.—São convidados todos os contra-mestres e marinheiros para a reunião extraordinária hoje, domingo, pelas 12 horas, a fim de se tratar de assuntos urgentes e de grande importância para a classe.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Para tratar do termo de posse, dos recursos e escurituras em poder da comissão transaccional, para resolver sobre as ultimas resoluções da Federação, reúnem-se amanhã, pelas 15 horas, a nova comissão do Boim de Trabalho e Caixa de Solidariedade.

Reúne-se a comissão de melhoramentos marcada para a última sexta-feira não se realizou pelo facto de nesse dia ter reunido o Conselho Federal. Foi adiada para a próxima quarta-feira, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciar a redacção do manifesto que vai ser distribuído pela classe, o ex-ecutivado que se refere à correspondência trocada entre as classes marítimas; marcar os dias em que nas respectivas secções se devem realizar as reuniões para a discussão e conferências sobre a lei dos acidentes de trabalho.

Lavadores e Limpadores de Trens e Automóveis.—Reúne hoje, pelas 15 horas, em assembleia geral para tratar do horário de trabalho e outras questões de interesse para a classe.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Comissão de melhoramentos.—Esta comissão convidou todos os delegados, assim como os comissários profissionais desta indústria, para a reunião de amanhã, pelas 15 horas, para se tratar de um assunto de grande importância para esta organização. Este comitê de trabalho deve ser formado por delegados, a fim de não serem prejudicados os trabalhos a executar.

Secção Sindical da Construção Civil do Alentejo.—Reúne amanhã, pelas 15 horas, a fim de tratar de assuntos de grande interesse para a industria. Por isso pedese a todos os camaradas que compareçam à assembleia, a qual se torna necessária a presença dos camaradas Francisco Carvalho Ferreira e Henrique Costa.

Teatros e Cinemas

A festa do estimado actor Gomes, da Trindade, realiza-se, definitivamente, amanhã, no S. Luis, com a estreia do apêndice «Os 99 milhões de dólares» ou «Estas a ver, ó Virocas».

Reclames

A ultima representação da famosa revista «A capota e o canço», com os lindos números de «A canção de Margarida» e do «O fado do amor», realiza-se hoje, no S. Luis, acompanhada de uma peça, que em graciosa e nas atacações não tem rival, o quadro novo «Colégio de Meninas» e o popularissimo «Fado Laura Costa».

Obteve um êxito extraordinário, tendo sido vibrantemente

A PRODUÇÃO DO ARSENAL DA MARINHA

A causa do elevado preço dos fabricados e a sua solução

Como é explicada pela comissão delegada dos funcionários de escrituração à comissão de melhoramentos do Sindicato do pessoal arsenalista

O Diário do Governo n.º 164, segunda série, de 19 de Julho p. p., publicou uma portaria nomeando uma comissão de oficiais, encarregada de averiguar:

a) Quais, duma maneira geral, as condições de produção do Arsenal da Marinha;
b) Quais as causas das demoras nos fabricados a cargo do mesmo estabelecimento;
c) Quais as causas do elevado preço dos fabricados.

d) Quais os meios práticos e possíveis de evitar os inconvenientes porventura encontrados.

A Comissão de Melhoramentos do Sindicato Nacional do Pessoal do Arsenal da Marinha e da Armada Nacional, desejando ir ao encontro da doutrina desta portaria, está elaborando um relatório, para o qual solicita de diversas entidades a sua opinião sobre o assunto.

Consultada a Comissão delegada dos funcionários de escrituração, enviou um parecer, parecendo que se refere às perguntas a) e d) e que é como segue:

Dependendo do custo dos fabricos dos três elementos: material, mão de obra e gastos gerais, vamos fazer referência a cada um deles em especial:

Material.—É a aquisição de material efectuada nos termos regulamentares, mas nem por isso evitam tais disposições o seu excessivo custo em relação aos preços correntes dos mercados nacionais e estrangeiros.

Como explicar tal facto? Está regulamentarmente estabelecido que as requisições de material se devem efectuar no princípio de cada ano económico, por concurso público, segundo as necessidades prováveis durante esse ano.

Sucede que essas aquisições nunca se fazem segundo as mesmas necessidades, e sem pretendemos saber quais os motivos porque assim sucede, apenas afirmamos que durante esse ano económico, os aceites oficiais ou propostos de vários fornecimentos de material e outros artigos que invariavelmente são aceites fora de toda a concorrência, com a simples aprovação do respectivo Conselho Administrativo. É assim que sucede trabalhar-se ao Arsenal com material, combustível e outros artigos cujos preços são muito superiores àqueles com que trabalha a indústria particular para prova basta citar o caso de já há bastante tempo ter baixado o preço do carvão Cardiff e estar-se ainda consumindo no Arsenal este combustível ao preço de 129000 a tonelada. Sendo este um dos elementos que predomina em todos os fabricos, fácil é deduzir-se que os mesmos ficariam sobrecarregados com esse excessiva de preço. Como este, numerosos e idênticos casos se dão, com outros fornecimentos de não menos importância.

Mão de obra.—É esse sem dúvida nenhuma este elemento o que menos pesa sobre os fabricos, se, for tomado, como deve, no seu verdadeiro termo.

Tem-se pretendido insinuar que os vencimentos de todo o pessoal em serviço no Arsenal da Marinha são muito elevados, quando é certo que pela comparação dos vencimentos da indústria particular se nota justamente o contrário. É assim que se atribui à mão de obra a principal do custo de qualquer fabrico, porque é erradamente de uso computar-se conjuntamente a mão de obra e gastos gerais quando estes dois elementos são perfeitamente distintos, pois que enquanto o primeiro representa o trabalho realizado nos fabricos, o segundo representa a percentagem das despesas gerais do estabelecimento que vão recair sobre a importância representativa da mão de obra de qualquer fabrico e que é geralmente superior a essa mão de obra, atingindo em alguns casos duas vezes essa importância. É certo que em parte os gastos gerais suportam o peso das importâncias das rubricas que constituem a mão de obra não aplicada em fabricos, como segue:

Pessoal, impedido no serviço geral das oficinas; mestrância, operários e trabalhadores; licenças com vencimento; ajudas com vencimento por motivo de frequência de aulas, para tribunais por causas interessando à Fazenda Nacional, em serviço e funerais de operários, doenças por causa comum incluindo licenças da Junta; doenças por acidente em serviço; tratamento de sinistrados em hospitais e clínicas especiais; vencimentos do pessoal aos domingos e feriados; nos dias de suspensão de trabalhos por motivos de ordem pública por incapacidade de serviço até ao diploma de reforma e por motivo de serviço militar.

Mas não é só isto que contribui para a avultada percentagem de gastos gerais que incide sobre a mão de obra, se bem que algumas destas despesas tenham sido aumentadas recentemente por motivos de varia ordem; a importância de material e outros artigos empregados nos serviços gerais das oficinas e reparações, bem como a aglomeração de dígitos em grande parte dispendiosos, concorrendo grandemente para o aumento da mesma percentagem, conforme a seguir se verá.

Gastos gerais.—A verba representada por essa rubrica é constituída da seguinte forma:

Mão de obra não aplicada directamente nos fabricos, segundo os casos anteriormente mencionados, material e outros artigos dispendiosos nos serviços gerais e manutenção de todos os serviços do Arsenal que não representam propriamente fabricos e todas as verbas dispendidas com os elementos administrativos.

Vejamos quais destes três factores os que mais concorrem para o agravamento dos gastos gerais:

Quando a mão de obra não aplicada directamente nos fabricos, podemos dizer que a verba dispendida nesta parte não é demasiadamente elevada se tivermos em consideração a relação entre ela e a população operária do Arsenal, e ainda poderia ela diminuir bastante se as leis ultimamente publicadas não tivessem criado uma situação ambígua e

precária a todo o pessoal e em especial a legislação referente a reformas que obriga a permanecerem ao serviço indivíduos cuja produtividade é quase nula pela sua avançada idade e achaques adquiridos em serviço, o que os leva a rastarem-se a maior parte do tempo com dispêndio do Posto Médico, em serviços moderados, licenças para tratamento, etc., quando todos eles têm ultrapassados os 35 anos indispensáveis para se poderem reformar com vencimento por inteiro, isto pelo motivo de que aplicada a citada legislação ficariam percebendo pouco mais de metade do que têm no efectivo; assim se evita maior produção já porque os citados indivíduos pouco ou nada produzem, já porque não podem ser admitidos em sua substituição outros em condições de produtividade.

Quanto ao material e artigos dispendiosos nos serviços gerais e manutenção de todos os serviços do Arsenal que não representam propriamente fabricos, padecem eles dos mesmos defeitos que já apontamos anteriormente em relação a material e artigos empregados em obras na manutenção de todos os serviços do Arsenal estão compreendidas as aquisições de n.ºs edificações para a fábrica, máquinas, ferramentas, etc., cujas verbas dispendidas para este fim veem pesar duma maneira sensível na percentagem de gastos gerais pela recuperação que, por este meio, se faz, das mesmas verbas.

Em relação às verbas dispendidas com os elementos administrativos ofereceu-nos dizer o seguinte:

É sem dúvida a administração um dos elementos imprescindíveis na produção, e tanto assim é que não há algum natural ou individual que não esteja sujeito a um princípio administrativo mas pelo seu próprio significado, administração implica organização e esta é método indispensável para que se possa realizar, com a máxima produtividade, a sua função. Nota-se na organização do Arsenal uma confusão de poderes, mormente na Direcção das Construções Navais, e com ela a absoluta ausência de princípio administrativo anteriormente anunciado, o que se vai reflectir numa diminuição de produção, e senão vejamos.

A parte dos oficiais que se encontram prestando serviço nas oficinas, cuja quase totalidade de dirigentes só tem o nome, pois que quasi todos se encontram à frente de oficinas cuja produção é muito diferente da sua profissão, há a consideração dos oficiais prestando serviço de secretaria, uns também afastados completamente do seu métier podendo alguma coisa produzir se se encontras-

sem dentro do seu meio, isto é, na parte técnica se ali tivessem lugar, e outros em demasia, estes, grosso-modo, em número de 14, representando o gasto de uma verba importantíssima improdutiva na totalidade de 44.500\$00 anuais—isto, bem entendido, sem contar com os referidos oficiais dirigentes. É o princípio basilar de economia política que a divisão do trabalho, especializando, aumenta a produção, bem como que, cada um, só se torna produtivo no desempenho de funções para as quais tenha aptidões e conhecimentos; fácil é, pois, depreender-se o quanto estes elementos serão contraproducentes, já porque não produzem no lugar onde se tornariam úteis, já porque fora da sua esfera de acção se mostram perniciosos.

Ha quem se admire, até certo ponto com razão, que no Arsenal da Marinha se consuma uma verba fabulosa nos fabricos, atribuindo-se isso, pelo desconhecimento dos factos, a despeito do pessoal, quando tal deriva muito principalmente de se fazer deste estabelecimento—um verdadeiro navio de retem—introduzindo nele elementos não produtivos e dispendiosos. O caso que em seguida narramos é bem edificante a tal respeito: ainda há bem pouco tempo eram os lugares de economos dos diferentes armazéns da fabrica desempenhados por operários mais ou menos conhecedores da nomenclatura do material, os quais foram substituídos por oficiais dos quadros auxiliares, isto com o unico fim de dar satisfação a pedidos: pois um destes oficiais disse que para se acharem meios quadros se multiplicavam metros por dois e ainda sendo necessário somar as medidas inglesas de pés e polegadas e a consequente redução a medidas portuguesas, se viu na contingência de pedir a um dos indivíduos que passa como seu subordinado para resolver semelhante problema—de contrario não teria desempenhado o seu papel. Por aqui se pode avaliar da tara das suas capacidades.

Não é, pois, para admirar que os gastos gerais do estabelecimento tenham ultimamente aumentado e com eles o custo dos fabricos, se levarmos em linha de conta todos os factos apontados e ainda a legislação atingindo quer directa quer indirectamente este estabelecimento e cujos possíveis inconvenientes não é de uso observar, como o prova, por exemplo, a enorme percentagem de oficiais com patentes superiores prestando serviço no Arsenal.

(Continua)

Casa dos Trabalhadores do Porto

Grande Excursão Operária à Póvoa do Varzim

Promovida pela Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores, realizou-se no próximo dia 2 de Outubro uma importante excursão à Póvoa do Varzim. Fazem-se representar todos os Sindicatos operários do Porto e Gaia com as suas bandeiras, sendo os excursionistas esperados pela organização operária da Póvoa, que lhe prepara uma grandiosa recepção.

Organizar-se há um cortejo na estação do caminho de ferro que acompanhará os excursionistas ao Teatro Garrett, onde se realiza uma importante sessão de confraternização, seguida de uma conferência; à noite, uma brilhante marcha aux-flambeaux acompanhará os excursionistas até à estação.

No programa, que será publicado na próxima semana, está incluído um desfilio de Foot-Boal entre o Varzim Sport Club e o Continental Foot-Boal Club, e um concerto por duas excelentes bandas de música num recinto público daquela villa.

A comissão conta ainda com outros valiosos elementos.

Tudo indica que o dia 2 de Outubro será de festa na Póvoa para receber os excursionistas.

Os poucos bilhetes que restam podem ser requisitados em todos os Sindicatos operários, nos locais anunciados e na sede da União dos Sindicatos Operários, ao preço de 190.

A comissão chama a atenção dos organismos que ainda não responderam às circulares que lhes foram enviadas para que, em suas adesões até ao próximo dia 26 do corrente, afirmem reservados os bilhetes para os seus representantes.

Acompanha os excursionistas uma excelente banda de música.

O Sindicato Unico do Mobiliário faz a estreia da sua bandeira nesta excursão.

Também se fazem representar os Núcleos das Juventudes Sindicalistas do Porto e Gaia.

Nesse dia, será inaugurado na Póvoa do Varzim um núcleo de Juventude Sindicalista.

Festas de solidariedade

Na associação de classe dos cabouqueiros e fabricantes de cal, Estrada dos Prazeres, 5, realiza-se hoje um grandioso espectáculo, promovido por uma comissão de operários cabouqueiros, em favor dos seus colegas Clemente Simões e José Tavares, com matine e 15 horas, em que tomam parte alguns cultivadores da canção nacional, e ás 21 horas recita com o drama em 1 acto *Os bandidos* e a comédia em 2 actos, *Os espectros*.

Foi adiada para o próximo domingo, 25, o benefício que hoje se devia realizar a favor do camarada Joaquim Antonio Pereira.

Trabalhadores, Lede e propaga a BATALHA

A crise de produção na indústria da Construção Civil

O Estado precisa de edificações próprias para os serviços públicos

A Federação dos Operários da Construção Civil expõe um vasto plano de trabalhos

Um dos principais factores do mal que hoje em dia mais devia chamar a atenção dos higienistas, juristas, engenheiros, arquitectos, construtores, industriais e operários, em suma, de todos os quantos tem que viver e trabalhar sobre a crise de produção na nossa industria, é, sem dúvida, a salubridade pública.

A dor moral, que dilacera uns e outros, junta-se nos pobres ao horror e à incerteza do dia de amanhã.

Contudo, juntando-se a esse quadro de dor moral, de horror e incerteza, a vida passada nos bairros da Mouraria, Alfama, Madragoa, Castelo, dos pálios e outros pontos da cidade, vilas e aldeias das provincias do país, onde esse grupo de habitações acumuladas num espaço, separadas por ruas e vielas húmidas e infectas frescalando a imundície, quem penetrar nessas escuras casas em que se aloja uma densa população de miseráveis na mais torpe promiscuidade de sexos, e onde a obscena immoralidade se dá excedida pelo asqueroso e repugnante espectáculo daquele maldito humano; quem considere atentamente nessa desprezível população a vida—o ar puro, que é a saúde do corpo, a luz clara do sol, que é a alegria do espirito—fatalmente reconhece a urgente e inadiável necessidade que se impõe de procurar qualquer medida que seja remédio para tanta lástima.

O mau alimento e a escassez de alimentação são uma das causas do enfraquecimento físico. É nos antros da penúria, na luz infecta dos becos, pálios, etc., de Lisboa, e nas vielas e lugares imundos das provincias que germinam e se desenvolvem as doenças epidémicas na continua fermentação da montanha humana, como animais, nesses milhares de cubículos onde o cheiro tóxico, as emanações pútridas acumuladas a cada canto; as águas das lavagens esbórregando a cada passo; o ácido carbónico e outros gases não menos malficados que se evoluem de cada habitação formam uma atmosfera grossa em todo o ambiente da rua, a qual impede a circulação do ar e se reflecte nos seus habitantes, nas faces pisadas e quasi cadavericas onde impera a tuberculose.

O descaroalho morbido sempre presente na morada do pobre ou seja o escasso ambiente da mansarda esguia, sem melindro um cárcere ou a tábida escuridão da loja térrea que lembra a treva húmida do sepulchro.

Estas considerações não têm só por objectivo a morada, mas sim fábricas, oficinas, ateliés, etc., devidamente ventiladas e iluminadas, sem calor, frio ou humidade excessivos, luz mais que o trabalho que se arrasta em condições viciosas.

Robustecer o organismo, prepará-lo para bem reagir contra a hecatombe, é, pois, um dever de defesa social que tanto depende do individuo como da colectividade em que um e outro tem que colaborar e defender.

Preparação mais eficaz de um estado concreto para a formação, digamos, legislação de uma lei de salubridade pública nos termos usados na América do Norte, Brasil e Inglaterra afim de pôr termo ao egoísmo das classes abastadas, que no seu próprio interesse tem sido um dos principais factores desse mal, e estudar-se quanto antes por elementos conhecedores das misérias sociais e morais, profissionais e técnicas das indústrias para obterem a salubridade das propriedades e para maior segurança do assunto, é a criação do cadastro sanitário em todos os municípios a exemplo do que se está usando nos países inumerados, em especial na França, que teria por fim cadastrar todos os prédios, fazendo a história deles, coligir a conclusão por ruas, etc., etc., pelo seguinte mapa:

Prédio

Habitação—Estado geral da habitação

Data aproximada da construção e idade da habitação.

Natureza e estado dos materiais.

Natureza e estado da cobertura.

Aspecto geral e estado de limpeza.

Altura de diversos andares que determinem da altura regulamentar.

De que água se abastecem? Fonte, água empochada ou rio?

Escoamento das águas usadas?

Há indústrias dentro de casa?

De que natureza?

Estas indústrias podem afectar os locais habitados?

Habitações dum quarto, dois, três, quatro ou mais cômodos?

Dimensões? Iluminação? Com chaminés?

Para onde tem janelas?

Natureza do solo?

Estado das escadas e corredores?

Ventilação? Estado dos telhados?

Tem pátios, portas ou saguões?

Particularidades?

Mortalidade? A que foi devido?

Por estas perguntas se vê bem a utilidade do cadastro sanitário e o benefício resultados que traz para a higiene, segurança e estética das propriedades a construir e as que tenham que obedecer a reparações de maior.

Se o Estado, as Câmaras Municipais e o maior número de indivíduos que dispõem de capitais tivessem a devida noção de apoiarem as boas iniciativas, fossem ellas quais fossem, Portugal seria um país modelo na sua função económica, e era nessa orientação que deviam seguir para o desenvolvimento de trabalho e do bem estar das classes laboriosas.

Carecemos de valorizar o território, a natureza, as paisagens, criando o estímulos, o direito e dev, e que a todos assiste dessa valorização, porque o desenvolvimento dessa acção moral e material arrancará da apatia todos em geral, quer dos que acumulam capitais, quer dos que trabalham, esforçando-se por disputar a primazia de melhor apresentarem as suas propriedades, casas comerciais, oficinas, ateliés, etc., como seja na teoria, na prática, na estética para o valor das belezas materiais, das artes e officios pelas largas

vantagens que concederão aos estrangeiros que, ao desembarcar, encontrem todos os confortos necessários no restaurante, hotéis, enfim em qualquer estabelecimento ou habitação, estradas e caminhos de ferro, de forma a imprimir ao país uma nota de beleza, de alegria e frescura, na ansia de admirarem os belos monumentos que possuímos de maravilhosa e grandiosa arte architectónica.

A lei de salubridade pública impõe, mas enquanto não fosse um facto pelo tempo que necessário é nos estudos para a realizar, para a sua confecção, basta que o governo e as Câmaras Municipais façam cumprir rigorosamente os decretos de 24 de Dezembro de 1901 e 14 de Fevereiro de 1903 e respectivos regulamentos de Beneficência e Saúde, de Delegados e Sub-delegados Urbanos, e de Sanidade e Edificações Urbanas e as Posturas Municipais, e se verá a higiene e limpeza imperar em toda a parte.

Os governos e as câmaras muito podem fazer em benefício das classes proletárias, que na sua maioria vivem quasi como animais, promiscuamente nessas milhares de cubículos imundos, por que nos termos de vários artigos do decreto de 14 de Fevereiro de n.º 56 e seguintes, dá-lhes competência, especialmente sobre cubagem, depósitos de água, fossas, limpeza dos prédios e sua conservação, para tomar todas as medidas e deliberações concernentes a tornar os prédios higiénicos e confortáveis quanto necessário para a conservação da saúde.

Não se cumpre o artigo 10.º, que determina que os alicerces devem ser construídos com materiais imprimeáveis, 0,15 acima do solo.

Não se cumpre o n.º 4 do Art.º 18.º, que ordena que os alojamentos deva estar garantidos contra todas as emanações nocivas, nem o n.º 5 do mesmo artigo, quanto ao escoamento dos líquidos impuros, nem os art.ºs 12.º e 13.º, quanto às cubagens de ar necessários para oficinas e dormitórios, que determinam que nas oficinas haverá pelo menos a capacidade de 8 metros cúbicos por pessoa, e que os quartos de dormir nunca devem ter capacidade inferior a 25 metros cúbicos por pessoa e terão sempre uma janela que os ponha em comunicação com o ar exterior, assim como tantos outros elementos de valor se encontram nesses decretos e regulamentos a que as câmaras e governos tem dado o máximo desprezo.

E muito especialmente a Câmara Municipal de Lisboa, pela pouca atenção, ou nenhuma mesmo, para com as reclamações feitas pelo nosso organismo central e organismos sindicais da indústria, respeitante à forma de construir de que a maioria dos pseudo-construtores, para mais proventos tirarem em detrimento quer dos que produzem, quer mesmo dos que habitam, a quando da parede a taipa, ou que pela responsabilidade da reparação competente ou dos próprios fiscais, se consente nessa anomalia. Assim como na construção de propriedades não consentem o imediato desenvolvimento, pelo retraimento dos projectos de edificação na repartição competente—dizem as edificações da câmara—por culpa dos construtores e não serem mais activos em responder quando são avisados a darem explicações ou emendas quando todos conhecemos de que tal se não dá, mas sim por a maioria dos projectos não serem organizados pelos empregados da mesma repartição, o que representa um perfeito abuso e crime de lesa-humanidade.

Porém, não pára aqui a necessidade constante de desenvolver trabalhos na Construção Civil, porque há também a imperiosa necessidade de o Estado olhar para as suas propriedades, que em parte deixam muito a desejar, em beneficio, etc., assim como teria a lucrar na construção de edificios próprios pelas enormes rendas que paga em propriedades de aluguer, para instalações de repartições públicas, cuja verba representa o lucro avultado do capital. São verbas importantes que se dispendem e que com a aquisição de novos edificios o Estado muito economicamente, sendo portanto de toda a utilidade e de manifesta economia para o país a construção de novos edificios onde se instalem todos os serviços públicos.

Ainda, por fim, ponderando a alta conveniência que há em empreender a construção de edificios, há a imperiosa necessidade das seguintes construções: Instituto técnico, Palácio de Artes e Officinas, edificações próprias para os serviços públicos em todo o país, Edifício para repartições de serviços externos de obras públicas e edificios e Monumentos Nacionais;

Adaptar devidamente o Edifício da Biblioteca Nacional, como edificios próprios para bibliotecas públicas e construção do Liceu Feminino, cujas obras tiveram já o seu início; Construção de liceus nos distritos que ainda os não possuem, construção de um edificio próprio para Exposições Industriais, Comerciais e Agrícolas, etc. Edificios próprios para Escolas Industriais e profissionais, etc., etc.

Posto bem em relevo todo este mal, outros temos que nos deve envergo: há a falta de escolas, o que não tem sido a falta de algumas individualidades pedagógicas terem instado para o seu desenvolvimento.

Está averiguado que é urgente a edificação de 8.237 escolas que ainda faltam, para o que são necessários 15.000.000\$00 (quinze mil contos), tendo já o respectivo ministro proposto um empréstimo de 25.000.000\$00 (vinte e mil contos) para o desenvolvimento de instrução, etc.

Não é só de escolas que se precisa; temos também a necessidade da construção de Estações telegrafo-postais, pois dos documentos coligidos pela comissão nomeada em 25 de Outubro de 1911 para estudo da crise operária, conclui-se que o Estado paga 20.823\$73,5 pela renda de 346 casas para estações telegrapho-postais, sendo 12 em Lisboa com a renda de 1.264\$40, e 6 no Porto com o aluguer de 1.192\$80.

Fixando pois, em 25.000\$00 o valor

das rendas das casas alugadas fora de Lisboa e Porto e estas em 400, estamos seguros de que os valores assim arbitrados não são excessivos, por isso que a média da renda para as casas de fora das duas principais cidades do país, segundo os documentos coordenados pela comissão já referida, dá:

13:367\$33,6:328 = 55\$99,8
e, no caso que imaginamos, será:
25:000\$00:400 = 62\$50
ou quasi doze por cento mais do que 55\$99,8.

A quantia de 25.000\$00 dum empréstimo em 80 contos a 4 por cento corresponde a um capital de 597:884\$44,5.

Não há tipos adoptados de casas para estações telegrapho-postal em Portugal, de modo que só por estimativa é possível calcular enquanto possa orçar a construção das mesmas.

Uma estação telegraphica e de correio carece de uma grande sala dividida a meio por uma rede com os respectivos postigos ou «guichets», para recepção de telegramas, venda de fórmulas de franquia, registo de correspondência a expedir, que não tem comunicação com o público. Num primeiro andar ficarão os alojamentos para o pessoal e uma cave para arrecadação de material, casa de pilhas, etc.

Todos estes compartimentos se podem acomodar num edificio de 12 metros de fachada por 10 de fundo.

Teremos portanto a estimativa seguinte: Certo que devendo as construções todas obedecer a um mesmo tipo, podem-se fazer em séries os fornecimentos dos materiais de mais elevado preço, motivo pelo que a estimativa é susceptível de um importante abatimento.

Um capital de 3.000.000\$00 (três mil contos de réis) permitir-nos-ia construir 240 casas para estações telegrapho-postais, por certo em melhores condições do que a maioria das hoje-existent no país, fazendo-se um empréstimo amortizável pelo tempo que o governo julgar conveniente, aplicando-se as quantias que se pagam em alugueres de casas para instalações telegrapho-postais, com anuidade desse empréstimo, que, com o crescente aumento das receitas dos correios e telegraphos, cujo orçamento de ano para ano se manifesta, também seria aproveitável para a edificação condigna de estações centrais de correios em Lisboa, Porto e outras cidades do país. Este processo a seguir seria análogo para as edificações escolares.

Outro assunto de importância é a estação do Rossio, já hoje acanhadíssima para o numero de comboios que dali saem, sendo a tracção difficilissima, por terem que formar-se em Campolide os comboios e virem receber passageiros ao Rossio e tornarem a passar o túnel com destino às estações da rede.

Quando o tráfego aumente, e mal se tal suceder, o túnel ainda se tornará mais acanhado e mais insufficiente do que agora.

Alargá-lo é quasi impossivel porque se sabem as dúvidas que ofereceu a construção do existente, com referência à estabilidade de prédios e ao jardim de S. Pedro de Alcantara.

Essa solução seria a mais dispendiosa no tocante à instalação e não das mais felizes pela concentração de todos os passageiros de caminho de ferro, com excepção das das linhas do Sul e Sueste e Cascais.

Uma solução que desde já se antolha como facil no tocante à instalação, embora deva oferecer dúvidas à exploração, seria a de reservar a estação do Rossio para os comboios das linhas de Oeste e algumas da Cintura.

Para os do Norte, Leste, Setil e Vendas Novas e os restantes de Cintra, construir-se-ia uma estação nos terrenos do Cais da Areia, nas proximidades da Conceição Velha, de aspecto monumental para não destoar daquela joia de puro estilo manuelino.

A proximidade da Alfândega e do centro de concorrência de Lisboa, o prolongamento já efectuado das linhas que vão a Santa Apolonia, tornariam facil a distribuição de passageiros sem acumulação, como se dará dentro de alguns anos se todos se encontrarem numa estação unica.

Ainda a estação das linhas do Sul e Sueste, deve ficar proxima daquela que se alude, quando se não applique a ela o terreno adjacente à Alfândega, que se lhe destinou e que não está de resto muito distante.

Julgamos, porém, que nisto há vantagens, se o governo tratasse com a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes as providencias tendentes a estes melhoramentos, como com outras companhias congêneres a pôr em prática tão belas iniciativas não só em Lisboa como provincia.

Outro problema também de transcendente importância, é a construção de estócos, segundo um projecto feito pelo já falecido engenheiro Ressaou Garcia, com modificação de uma comissão nomeada em 1904, suprimindo o omissor, de Ran e dividindo a cidade em duas zonas que lançariam os dejectos directamente no Rio Tejo, sem perigo de conspurcação das praias que ficam a juzante de Belem, e com a devida salubridade e hygiene na cidade.

Quer mesmo a quando do alargamento da circunvalação, estes estudos e outros mais que façam em adaptação das construções modernas, representam não só um grande beneficio, como um grande economia de capitais a empregar em obras futuras na parte tecnica e material da referida construção de estócos.

Estes melhoramentos não dizem só respeito a Lisboa, mas também a todo o país que tanta necessidade tem dessa construção, tornando-se vergonhoso não só para quem tem necessidade de viajar de umas terras para outras, como dos estrangeiros que nos visitam.

A grandeza das reparações não consiste já na força unicamente, mas sim nos meios que contam para cimentar a instrução e a forma de desenvolver as indústrias na valorização do trabalho e os proletários mais fortes e dignos da consideração universal, são os que impulsionam e desenvolvem as sciencias, as artes e os officios perante os progressos materiais das produções

mais nobres, que elevadamente colocam a ideia em face da justiça, da Razão e do Direito.

Nesta ordem da ideia, a Federação Nacional dos Operários da Indústria da Construção Civil de Portugal e Colónias e a comissão de melhoramentos do Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil de Lisboa, propõem para manutenção, regularização e modernização do desenvolvimento da nossa industria o seguinte:

a) O cumprimento integral dos decretos de 24 de Dezembro de 1901 e 14 de Fevereiro de 1903 e respectivos regulamentos de beneficência e saúde, de delegados e sub-delegados de saúde e edificações urbanas, até à elaboração da «Lei da Salubridade Pública», e a execução dos projectos de lei sobre casas baratas dos srs. Ramos Costa, dr. Costa Júnior e do falecido professor Tomás Cabreira, quer dizer, dos que melhores condições ofereçam na sua execução;

b) Aproveitamento de todos os terrenos que oferecem condições para a construção de casas baratas, assim como dos passeios leste e oeste que passam sobre os arcos das Águas Livres, da serra de Monsanto à Senhora de Sant'Ana, na extensão de 780 metros, paralelos ao encanamento, para passagem de veículos no transporte de matéria prima extraída da serra, das pedreiras ali existentes e de outros locais próximos, que actualmente, pela sua condicção, deixa muito a desejar, originando demoras sucessivas pela longa circulação a fazer ao centro da cidade, e a passagem feita pelos citados passeios facilita a condução de forma a satisfazer as exigências do desenvolvimento da industria pelo diminuto caminho a percorrer de uma a outra parte e vice-versa;

c) Um ramal de caminho de ferro do Sabugo a Póvoa Pinheiro e suas imediações, a fim de facilitar os transportes de cantarias, etc., para a nossa industria, para não sofrer, como sucede, interrupções no trabalho pela demora desta matéria prima, pela condução actualmente feita, e a tal fazer-se, traz benefícios para os que dela vivem e auferem lucros;

d) Que a Câmara Municipal de Lisboa, em reforço da alinea a) desta reclamação, faça cumprir fielmente as posturas n.ºs 27, 28, 29 e os adicionais dos posturas de 8 de Maio de 1889, 27 de Julho do mesmo ano, 20 de Agosto de 1896, 31 de Outubro de 1901, 3 de Maio de 1904, assim como a alteração da postura de 28 de Agosto de 1909 (em parte), de 22 de Dezembro de 1913, que diz também respeito a projectos; posturas n.ºs 30 e 31 e adicionais de 3 de Maio de 1913; 31 e adicionais de 10 de Fevereiro de 1904; 32 e adicionais de 1.º de Julho de 1889; 33, 34 e adicionais de 14 de Julho de 1902 e de 27 de Julho de 1889. E, sobre estócos, a postura de 6 de Novembro de 1893, assim como a revogação da proposta que autoriza que limpezas e pinturas exteriores de propriedades se não façam senão passados três anos, o que vem afectar moral e materialmente as classes que são empregadas nesses serviços; e que seja posta em execução a postura n.º 32 sobre os mesmos serviços; escadas provisórias exteriores nas fachadas dos edificios, aproveitando-se as janelas como porta para entrada e saída dos inquilinos, quando as escadas principais tenham que ser reconstruídas, segundo as prescrições adoptadas nos decretos e regulamentos citados na alinea a), ou sejam devidamente higienicas e amplas, evitando por essa forma os despejos das propriedades para o efeito de tais obras. E, se ainda os projectos sobre casas baratas designados na alinea a) não satisficam, seja posto em execução a proposta apresentada pelo sr. Levy Bensabat na sessão ordinária da Câmara Municipal de Lisboa em 23 de Novembro de 1914 sobre o mesmo assunto;

e) Que todas as organizações da construção civil nas provincias reclamem das Camaras Municipais o cumprimento dos decretos e regulamentos designados na alinea a) e das posturas municipais, assim como dos governadores civis e administradores do concelho a colaboração e autoridade sobre o assunto na sua fiel execução. E que os mesmos organismos não descuram estes problemas, desenvolvendo-os tanto quanto lhes seja possível numa propaganda intensa para intensificação das reclamações a fazer às Camaras Municipais, Governadores Civis, administradores, etc., adaptando-as aos meios locais onde habitam, até

